



**MUDANÇAS E TEMPO DE PANDEMIA:
É PRECISO MUDAR PARA CONTINUAR SENDO**

Dra. Madalena Molochenco

**MUDANÇAS E TEMPOS DE PANDEMIA:
É PRECISO MUDAR PARA CONTINUAR
SENDO.**

Dra. Madalena de Oliveira Molochenco¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo trazer reflexões sobre as mudanças em nossa vida. Mudanças são necessárias para que possamos continuar a viver, tal como a lagarta e a borboleta. Mudar para continuar sendo é uma frase que nos ajuda a refletir sobre a atual situação em que vivemos, sob os impactos da pandemia da COVID 19, que têm abalado o mundo como um todo. As estruturas da educação e da família bem como da Igreja foram abaladas por este momento histórico, promovendo inseguranças pela quebra das rotinas. Para ‘continuar sendo’ trago uma reflexão sobre os 5 “As” que podem vir a ser uma contribuição sobre tais impactos atuais.

Palavras-chave: mudança, pandemia continuar sendo

ABSTRACT

This article aims to bring reflections on the changes in our lives. Changes are necessary so that we can continue to live, such as the caterpillar and the butterfly. Changing to remain a phrase helps us to reflect on the current situation in which we live, under the impacts of the COVID 19 pandemic that have shaken the world as a whole. The structures of education and the family, as well as the Church, have been shaken by this historic moment, promoting insecurity.

¹ Dra pela Universidade Nove de Julho na área da educação, 2013. Professora na FAESP



ties due to the breaking of routines. In order to ‘continue to be’ I bring a reflection on the 5 ‘As’ that may be a contribution to such current impacts.

Keywords: change, pandemic, continue to be

INTRODUÇÃO

Falar sobre pandemia já é coisa do passado? Parece-me que ainda é um tema bem presente em nossas vidas, pois desde o ano de 2020 vem trazendo mudanças e construindo uma nova história na humanidade. Meu marido ensinou-me que “o passado é história e, história a gente não muda”. Verdade. Não podemos mudar o que já passou, entretanto, a história que vivemos e construímos a cada dia nos trazem mudanças, às vezes tão rápidas que não dá tempo de refletir sobre o que está sendo mudado, mudamos, e, ponto.

Quando falamos em mudança geralmente vem à nossa mente fatos passados que nos trouxeram alguma experiência, ou, propostas para o futuro que trarão alguma expectativa. Junto a esta expectativa podemos ser assaltados por dois sentimentos: de temor/expectativa ou de alegria/expectativa.

Por que falo de dois sentimentos?

É simples. Toda a vez que falamos em mudanças e não sabemos se estas nos trarão melhorias em nossa qualidade de vida, sentimos algum temor e uma expectativa que nos assunta. Quando falamos de mudanças e sabemos que estas vão nos trazer melhorias de qualidade de vida, sentimos uma alegria imensa que por sua vez trazem também expectativas, que nos assaltam emanando outros sentimentos como, insegurança, fazendo com que nos envolvamos ora

com reações positivas, ora negativas.

De qualquer forma, mudanças imprimem no ser humano insegurança, emoções desconhecidas e trazem caminhos novos a serem percorridos.

O mundo pós-moderno sem dúvida tem sido classificado como um mundo de muitas mudanças, principalmente no que se refere ao conhecimento e à tecnologia. Nos últimos 20 anos temos vivido inúmeras mudanças que afetam diretamente a qualidade de vida: na área da comunicação, na área das mídias, que influenciam a política, a saúde e nossa maneira de viver. De uma maneira geral qualquer mudança nos faz sentir expectativas que se misturam a sentimentos de temor e alegria.

Nossas igrejas têm sido afetadas por diversas mudanças em seu governo, na liturgia, na educação cristã, nos costumes e tradições. Somos constantemente assaltados por sentimentos de expectativa que geram em nós temor e alegria. Temor por experimentar o novo e alegria por cremos que Deus é nosso protetor em todo e qualquer tempo.

Certa vez ouvi uma palestra sobre o tema “mudanças”. O palestrante de uma maneira muito feliz usou a alegoria da lagarta e da borboleta. Falou-nos naquela ocasião que a natureza tem seus próprios caminhos na elaboração de novas formas. A lagarta, feia e mal aceita pelas pessoas, depois de um determinado tempo de ‘reclusão’ se torna uma linda borboleta que aos olhos humanos trazem tanta admiração por sua leveza e colorido. E completou: é preciso mudar para continuar sendo. Esta frase é forte e nos impacta, pois nos faz pensar na vida e na continuidade dela. É preciso mudar como ser humano para continuar sendo humano e essa alegoria nos ajuda a compreender a necessidade de nos abirmos para mudanças a fim de que possamos continuar “sendo”.



Somos marcados e constituídos por processos históricos que advém da ação dos homens no mundo. Somos responsáveis por decidir e transformar. Somos responsáveis por nossas ações em nossa maneira de viver. Desta forma, somos afetados dia a dia pelas transformações. Mudanças e transformações nos fazem sentir expectativas. Neste artigo gostaria de reproduzir o que já escrevi em outro texto no ano de 2010. Apresento os cinco “As”² que podem ser vividos em situações de mudanças.

1. **Aceitar** – todos os indivíduos têm liberdade de aceitar ou não mudanças. Em qualquer situação da nossa vida podemos estudar se as mudanças se adéquam ou não a nossa realidade.
2. **Arrazoar** – todos os indivíduos têm de igual maneira, a liberdade de arrazoar, de argumentar sobre aceitação ou não das mudanças apresentadas. Tal arrazoado será muito interessante se trazer o desejo de contribuir.
3. **Aliar-se** – aqui se apresenta o princípio que traz a ideia da aceitação da proposta, do engajamento.
4. **Agir** - uma vez acontecido o engajamento, se apresenta a vontade de planejar, de traçar objetivos, de prever ações que deem continuidade às mudanças.
5. **Avaliar** – não há sucesso em mudanças se não há a possibilidade de avaliar seus efeitos. Avaliar as decisões tomadas, o que deu certo e o que não deu certo, abre caminhos para o bem-estar das pessoas.

Aceitar a pandemia, o isolamento social; arrazoar se decisões governamentais são corretas ou inadequadas; aliar-se, uma vez que a saúde pública demonstra não suportar a ava-

2 Palestra proferida pelo Dr. Luis Carlos Canelhas na Faculdade Teológica Batista de São Paulo – 2002.

lanche de doentes que a pandemia traz ou cooperar para que a situação se controle; agir e avaliar, de alguma maneira todos deram passos, se para o bem comum ou não, cabe a cada um saber, mas nossas ações passaram pelas decisões e flexibilizações impostas. Tais verbos de ação requeridos de nós nestes tempos de mudanças, de pandemia, de novo normal, de novas linguagens e conceitos aprendidos, têm preenchido nossas vidas a meses.

Educação e família

Por tais razões, o ano de 2020 foi um ano atípico com mudanças por todo o mundo, desde a China, alastrando-se pela Europa e chegando às Américas, arrastando consigo muitas vidas independente de sua posição social ou econômica.

O distanciamento social ou isolamento social, medida tomada para a prevenção à disseminação do vírus da COVID 19, certamente alterou a rotina da família, as relações familiares e em alguns casos favoreceu ou até mesmo intensificou o aumento de conflitos e até casos de violência doméstica.

No começo tudo até parecia como um, “estar de férias”, em casa, sem contato, mas com o tempo as supostas férias começaram a cansar. No início da pandemia era este o quadro que estava presente: um sentimento de ficar à vontade em casa, crianças sem escola, alguns pais num sistema híbrido de trabalho, ora em casa, ora atendendo à empresa, ora não trabalhando, enfim, um “quase férias”.

Tudo foi suspenso, ficando somente o que foi chamado de ‘serviço essencial’, esses, mantiveram certa rotina. O isolamento trouxe distanciamento entre as pessoas, o que certamente abalou as relações de todas as formas, o distanciamento provocou muita tristeza pela solidão e também o medo, o medo de ficar doente. As histórias tristes tomaram conta das redes sociais e dos grupos de pessoas que se co-



municavam por estas redes e os noticiários apresentavam dados mais assustadores ainda.

As famílias viveram situação desestruturante, principalmente pela ausência das crianças às aulas presenciais. Sem escola, num sistema remoto de aulas, as crianças ficaram sem um atendimento escolar que proporciona entre outras coisas a socialização, fator tão importante para o desenvolvimento infantil e diria, essencial ao desenvolvimento do adolescente. O tempo foi passando e algumas escolas aperfeiçoaram os programas de estudos remotos e infelizmente algumas crianças abandonaram as aulas por falta de condições para manter tal ritmo. As aulas remotas trouxeram novas adaptações e mudanças de rotina: mexer em redes de comunicação, adaptar ambientes para as crianças estudarem, para os pais trabalharem, e isso em meio a vida do lar, brincadeiras e TV em excesso. Muita energia se acumulando e pouco espaço para gastá-la.

Algumas famílias foram criativas, mas a grande maioria sofreu, e ainda sofre com estas questões. O tempo passou mais ainda, muitas famílias tiveram perdas e lutos entre pessoas queridas por nós. Desemprego e falta de dinheiro atingiu a população em massa.

Por que a situação de isolamento social nos incomoda?

A rotina de certa forma nos mantém em harmonia, nos acostumamos a ela e até precisamos dela. A rotina do lar é importante para pais e filhos. Ir ao trabalho, deixar as crianças na escola, levá-las em outras atividades (natação, esportes, inglês, aulas paralelas), buscar, jantar, banho, TV e dormir. No dia seguinte fazemos tudo igual. Quase sempre é assim. Pessoas têm rotinas e rotinas são necessárias para adultos e crianças. Para a criança a rotina significa compreensão do mundo que a cerca, a cultura familiar, o jeito das coisas acontecerem e as formas de agir. Conheci uma pessoa que

ao ser convidada para passar o fim de semana com amigos, estranhou que cada um comia na hora que quisesse, não havia uma hora de se sentar à mesa e todos comerem juntos. Uma rotina bastante diferente do que ela estava acostumada. Rotinas são importantes para um desenvolvimento sadio das crianças e para um bom relacionamento familiar.

Já entrando em 2021, encontramos uma situação um pouco diferente, mas não muito. Novas “ondas” têm surgido e focos da doença se apresentam em alguns lugares. O quantitativo diário de pessoas infectadas, vem aumentando com novas características da doença que vem se ‘mutando’, insistindo em adoecer as pessoas, e se apresenta diante de nós um quadro com número de óbitos acima do esperado, numa rede de contaminações. Sabemos que muito dessa realidade é o descaso com os cuidados necessários para diminuir a contaminação. Falta do uso de máscaras e de aglomerações são apontados como os grandes causadores da demora do fim da pandemia, ainda que espaços públicos já estejam abertos a população em geral. Saímos e entramos nas fases amarela, laranja, vermelha e assim sucessivamente em diversas cidades de São Paulo e do Brasil. O home office têm se apresentado como uma boa solução para “segurar” as dificuldades financeiras das empresas e desta forma as famílias têm procurado ajustes em suas residências buscando opções para oficializar o escritório em casa.

Quanto ao retorno das aulas presenciais para 2021, esse tema tem causado muitas dúvidas e preocupações das famílias quanto ao processo de estudos de crianças e, em jovens, para com seus cursos universitários. O Ministério da Educação ventila a ideia de o ano de 2020 ser estendido até o final de 2021. Difícil isso para alguns. Imagine na história da sua vida você dizer: cursei o quinto ano de 2020 ao final de 2021. São muitas as dificuldades e a diversificação de realidades num país de dimensões continentais, mais ainda. Educadores têm escrito sobre isso mas não há consenso.

Apesar de todo o suporte, a enorme diversidade



de realidades educacionais, sociais e econômicas dentro do Estado é, por si só, um grande desafio mesmo em períodos não emergenciais. A pandemia trouxe um cenário ainda mais desafiador e que precisa ser compreendido de maneira aprofundada, a fim de gerar novos conhecimentos e mapear possibilidades de ações para o presente e para o futuro (GRANDISOLI, 8/2020)

Quanto ao ensino remoto há que se dizer que:

A Educação a distância (EaD) não pode ser a única solução, esta metodologia tende a exacerbar as desigualdades já existentes, que são parcialmente niveladas nos ambientes escolares, simplesmente, porque nem todos possuem o equipamento necessário. Se a meta for investir apenas em ferramentas digitais, certamente, contribuiremos para uma piora na aprendizagem dos alunos a curto e a médio prazos (DIAS e PINTO,7/2020).

Se olharmos para o cenário mundial percebe-se que tal problema percorre o mundo, como a pouco noticiaram nos Estados Unidos um movimento de rua que pedia ao governo para fechar os restaurantes, os bares, as lojas, mas não as escolas. Pais estão cansados, pois muitos dependem da escola para poderem trabalhar no sustento das famílias. Os brasileiros não são os únicos a viverem tal situação. Entretanto, o que o autor acima menciona como desigualdades sociais é agravado no Brasil pelas condições sócio econômicas em que se encontram os alunos de escolas públicas e até de escolas particulares, pois a família de uma hora para outra precisou por exemplo, compartilhar aparelhos eletrônicos entre os fi-

lhos, às vezes nos mesmos horários e normalmente com um aparelho somente em casa.

O chamado novo normal já é normal, já não é mais novo. Rotinas, mudanças e algumas cabeças bem confusas com isso tudo, é o saldo da Pandemia, sem contarmos a questão da vacina que é pauta em 2021.

Como lidar com toda esta confusão? Como não permitir que tal situação não abale as estruturas familiares? Lamento dizer que não vai passar tão cedo e o que temos de fazer é nos adaptar a esta realidade que se impõe a nós. Um jornalista escreveu sobre as recentes aglomerações:

Então, por qual motivo grupos de pessoas se comportam como se não houvesse amanhã? Como se à frente não viessem outros feriados ou como se daqui a quatro meses não tivéssemos mais um verão, quem sabe com a vacina à porta?” (<https://www.jornalterceiravia.com.br/2020/09/20/depois-de-quase-7-meses-parte-da-populacao-ainda-su-bestima-a-pandemia/>. Acesso em 13/10/2020)

Aos que depositam sua confiança em Deus, uma das primeiras coisas a fazer é nos lembrarmos de que não estamos sós, recordando um cântico muito entoado no primeiro momento da pandemia: “Não estamos sós, não estamos sós, Deus conosco está”. Pessoas que amam a Jesus no mundo inteiro cantaram esta canção o que também nos faz lembrar das consolações do Espírito Santo que estão sobre todo o seu povo espalhado por todo o mundo.

Precisamos continuar firmes e algumas sugestões podem ser seguidas para um melhor relacionamento nas famílias:

1. Manter Diálogo (não monólogo) e boa comunicação.
2. Realizar atividades que integram o núcleo familiar. Identificar os problemas que estão afetan-



do a família e buscar soluções de forma conjunta:
Identificar/Reconhecer/Conversar/Buscar solução.

3. Compreender, ajudar e, se necessário, perdoar.
4. Cuidar e Proteger.
5. Estabelecer e cooperar com a nova rotina familiar
(<http://www.progep.ufpb.br/progep/contents/noticias/convivencia-familiar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19>)

Igreja

Mudanças nas Igrejas também foram requeridas neste tempo. Cultos, EBDs, Grupo de comunhão, tudo teve de ser interrompido, pelo menos nos 6 primeiros meses da pandemia, alguns perduram até hoje. A Igreja foi não somente prudente ao suspender os cultos, mas também obediente, pois se tratava de uma questão legal, e seguir as orientações de diversas restrições impostas pelas Secretarias de saúde dos estados e municípios foi necessário. Hoje, algumas Igrejas já retornaram os cultos presenciais, mas com muitos cuidados. Rega (2020, p. 6) relembra a respeito das Igrejas de “portas fechadas” que “de fato a Igreja não fecha [...] pastores e líderes poderão aproveitar a oportunidade de ampliar a ação e a influência do cristão no meio em que vive de modo que ele cumpra seu papel de ser sal e luz (Mateus 5 13 – 16), algo que se aplica integralmente a essa percepção da vida da Igreja e do cristão sem fronteiras”. Cada Igreja, a seu modo procurou manter um dinamismo de encontros mesmo que isso não fosse o que se deseja para a Igreja do Novo Testamento. Em concordância a este pensamento Paganelli (2020, p. 4) nos lembra que o tempo da pandemia traz para Igreja um tempo de: refletir sobre sua identidade; de tomar posição sobre sua Missão e manter a consideração coletiva dos cristãos como ferramentas de transformação. Certamente 3 grandes desafios para o tempo da pandemia. Recomendo a leitura do texto completo.

Para Campos Junior,

a nossa redenção tem um elemento social. Cristo quebrou as barreiras sociais objetivamente (Ef 2.14-16), tornou possível que fôssemos feitos um só povo, uma só nação, um só corpo sob o mesmo Cabeça. Ainda que a presença física de Cristo esteja temporariamente suspensa, estamos unidos a Ele pelo Espírito, e é tal Espírito que promove a nossa comunhão com Deus (2 Co 13.13) e com o próximo (Fp 2.1).

O autor argumenta que desde os primórdios do cristianismo a comunhão é algo essencial ao corpo de Cristo. O ajuntamento é necessário e se expressa no culto público. A interação por meios digitais não supre essa necessidade. “Não podemos experimentar todas as coisas do culto quando estamos sozinhos: não expressamos nossa alegria em louvores a uma só voz, não batizamos virtualmente e não partilhamos do pão da ceia” (CAMPOS JUNIOR, 2020). Entretanto, é o que temos para hoje, como se diz na gíria.

Conviver com tal realidade é o desafio que se apresenta aos cristãos em todo o mundo. O autor nos aponta algumas lições práticas que podemos tirar desta situação:

1. Fundamento encorajador: nada pode nos separar do amor de Deus, nossa comunhão com o criador está



garantida.

2. Lamento realista: Vivemos hoje impedidos de expressar a comunhão em sua plenitude. Podemos lamentar isso pois temos alegria em estar juntos.
3. Sabedoria necessária: não há culto público sem a presença física. Quem o faz, não experimenta a comunhão com os irmãos. Utilizar estes momentos para aprender mais da Palavra seria uma atitude sábia pois voltaremos a nos reunir.

As palavras do autor nos encorajam, nos colocam em nosso papel humano, com todas as nossas carências, típicas do humano. Ao afirmar que nada poderá nos separar do amor de Deus, nem pandemia nem qualquer tipo de doença, afirma que estamos sempre sob os cuidados do criador, enfrentando ou não crises. A expressão, ‘lamento realista’, nos lembra que mesmo sendo seres humanos falhos, vivendo mazelas humanas, nos alegamos por sabermos que esta comunhão, este ajuntamento dos salvos em Cristo, nos completa pelo próprio sentido da palavra comunhão e ainda que de forma, digamos eletrônica, nos permite usufruir desta benção que Deus nos concede pelo Espírito Santo. Sabedoria necessária, outro ponto citado pelo autor, é poder crescer em meio às provações, aprender mais uma lição, aprender mais de Deus e de sua imensa misericórdia.

Molochenco citando Hock (2020) diz que o autor nos lembra que

Às vezes, é na crise que a pessoa humana

MUDANÇAS E TEMPO DE PANDEMIA: É PRECISO MUDAR PARA CONTINUAR SENDO

passa a conhecer as camadas mais profundas da própria existência. Quem não passou pela escola do sofrimento, não só permanece pobre no conhecimento de si mesmo, como será capaz de se solidarizar com a crise e o sofrimento do outro. Falando em linguagem teológica: se é na verdade que existe uma cruz, é igualmente verdade que na crise pode haver uma benção – a benção de sermos confrontados com os limites da existência humana e dessa forma nos abrimos para as realidades últimas (HOCH in MOLOCHENCO 2020, p. 113)

Aprender pela dor não é interessante para ninguém, mas o sofrimento não escolhe raça, cor, sexo ou idade. Saímos fortalecidos no sofrimento se nos colocarmos abertos para aprendizagens como nos ensina a Bíblia em Tiago 1.1-4.

189

A grande verdade em relação à pandemia, é que não há o que fazer, a não ser esperar por dias melhores, por uma vacina que já se pronuncia como um alívio, não imediato, mas a médio e a longo prazo, alguma solução. Dra. Margareth Dalcolmo, pneumatologista renomada, afirmou em entrevista à jornalista Marcia Peltier: “A Covid é um fenômeno modificador de nossas vidas. A Ciência está desafiada”, e eu acrescentaria: a Igreja, a Educação, a Família, as Empresas, o Comércio, enfim, a pandemia nos fez sair a toque de caixa de nosso conforto.

O mundo mudou, nós mudamos.

CONSIDERAÇÃO FINAIS



Que nesse momento tão desalentador, vivenciado em escala planetária, possamos encontrar o prazer dos amigos, da convivência familiar, cujo ninho é o aconchego.

Disciplina, diálogo e paciência. Estamos vivendo uma vida completamente diferente. E muitas mudanças com as quais precisamos aprender a conviver, necessárias para este momento, vão marcar não apenas esse período de isolamento, como irão nos acompanhar quando for possível retomar uma vida um pouco mais parecida com a do mundo pré-pandemia. Precisamos ser tolerantes.

O tempo da pandemia pode nos levar a um melhor autoconhecimento. Vá até a janela. Olhe para o céu, para a imensidão. Lembre-se que nada é permanente. Lembre-se das boas qualidades das pessoas. Tem sido difícil. Cada família tem criado uma sistemática para esse tempo de pandemia. Meu neto passou quase 4 meses em São Paulo em nossa casa e minha filha, sua mãe, trabalhando em Curitiba. Decidimos por esse sistema porque tem sido difícil pra ela em outro estado e sem familiares por perto, sem aulas presenciais, cuidar da vida escolar e demais cuidados caseiros. Ela sofreu com a separação do filho, ele também, eu fiquei feliz porque ele estava comigo, melhorou na escola e ela veio visitá-lo. O tempo passou, esse período também, mas sem dúvida, esse tempo ficará gravado na memória. Esse tempo ficará gravado na memória de todos nós: tempo de repensar o ritmo, de recriar afetos, pensar novos caminhos para a vida, a economia, a profissão, a educação, as igrejas.

Nossa esperança está em Deus, nossa rocha e fortaleza. Sabemos como cristãos que Deus é soberano sobre nossas vidas e que nos trará dias em que isso tudo será história, porque afinal, história é passado e passado não se muda. Que Deus nos dê sabedoria para lidar com o que ainda está por vir lembrando da alegoria da lagarta e da borboleta: é

preciso mudar para continuar sendo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRANDISOLI, Edson, JACOBI, Pedro Roberto, MARCHINI, Silvio. *Educação e Pandemia: desafios e perspectivas*. In.

<https://jornal.usp.br/artigos/educacao-e-pandemia-desafios-e-perspectivas/> acesso em 5/12/2020.

DIAS, Érica, PINTO, Fátima Pereira Cunha. *A Educação e a COVID 19*. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362020000300545. Acesso em 5/12/2020.

Depois de quase 7 meses, parte da população ainda subestima a pandemia

<https://www.jornalterceiravia.com.br/2020/09/20/depois-de-quase-7-meses-parte-da-populacao-ainda-subestima-a-pandemia/>. Acesso em 13/10/2020.

Convivência familiar no contexto da Pandemia da COVID - 19

<http://www.progep.ufpb.br/progep/contents/noticias/convivencia-familiar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19>. Acesso em 13/10/2020.

CAMPOS JUNIOR, Heber Carlos de. *Em tempos de pandemia, como fica a comunhão?* <https://cpaj.mackenzie.br/em-tempos-de-pandemia-como-fica-a-comunhao/>. Acesso em 7/12/2020.

Entrevista de Margareth Dalcolmo à jornalista Marcia Pel-



DRA. MADALENA MOLOCHENCO

tier pelo Instagram em 7 de dezembro de 2020.

<https://www.instagram.com/tv/CIg9JjOpeTm/?igshid=1sm641asdtb6>

REGA, Lourenço Stelio. A virtualização do sagrado. In *Cristianismo Pós-pandemia. Impacto e oportunidades*. São Paulo: Vida, 2020.

PAGANELLI, Magno. De portas fechadas, Igreja abertas. In *Cristianismo Pós-pandemia. Impacto e oportunidades*. São Paulo: Vida, 2020.